

---

---

## Poemas

*Luiz C. Borges*

Se essa rua fosse ainda  
eu veria o tempo escoar ao avesso  
feito a corola  
das tardes chuvosas.

Se aquela rua fosse então  
fotograma coagulado do meu hiato  
ou preciso limiar do fugaz.

Ruas emparedadas  
contramão do meu ensejo  
feito a cicatriz do mormaço.

Lanho da faca na chuva.

Se essa rua fosse sangue  
coágulos de lembranças  
na hemorragia do tempo.

(RJ, 1992)

Linhas urbanas emaranham vidas  
tecem galanteios de concreto  
em meio à rapsódia de barracos  
sob a pele arrepiada dos viadutos  
as linhas verdes da sedição  
conduzem por corredores lacerantes  
quimeras extraviadas  
ou soluços sem identidade  
as linhas vermelhas ataçam furos  
sobre a voracidade das ruas  
traçam itinerários  
no âmago erradio dos féretros  
ali despontam linhas negras  
como horizontes transfixados.

(De: *A véspera do avesso*, RJ, 1992)

**L2 Norte**

Risca o verde  
rubrolaranja  
teu corpo  
    acendendo  
luz nos olhos

    teu corpo ilumina  
    a parada de ônibus  
amarela.

(De: *Nunca peço estrelas azuis*, BSB, 1996)

Na rua da minha infância  
o redemoinho nunca trazia a faca desnuda  
nem o frio do corte na avenida de sangue  
    na rua barrenta da minha infância  
    a chuva rolava no mingau mormacento  
e a gente rolava com ela em busca do gol  
naquela rua o primeiro olhar enrabichado  
    a primeira piscadela sonso convite  
    e o olho enganchado numas ancas  
    cujo nome jamais saberei  
às vezes ficávamos à janela só desejando  
às vezes nos fechávamos para tramar destinos  
    mas a rua nunca parava de sonhar asfalto  
    nem se desviava da ampulheta.

(De: *A véspera do avesso* RJ, 1992)

**Rol**

No frágil  
da rua  
o zig  
da vida  
no zig  
do nojo  
um tempo  
rípido  
(n)o sonso  
da morte

(De: *Ressonâncias do silêncio ou nem*, RJ, 1995)

**Clandestinamente**

Este cheiro  
diário  
de dor  
dependurado nos ônibus  
nos trens  
em filas incansáveis

aqui e ali desovados

uma saudade  
jaz na lágrima  
indigente.

(De: *Ressonâncias do silêncio ou nem*, RJ, 1995)